# Credor pode seguir o Citibank

**Nova Iorque**— O Manufacturers Hannover Bank, terceiro maior credor do Brasil, anunciou ontem que irá estudar a decisão do Citibank sobre o lançamento dos débitos latino-americanos como perdas, afirmando ainda que seguramente os demais bancos examinarão a possibilidade de adotar medidas semelhantes. Nenhum deles, porém, se comprometeu com uma decisão semelhante, nem mesmo o Manufacturers.

O Citicorp, principal instituição bancária dos Estados Unidos e cujo Citibank detém a maior parte da dívida externa brasileira, poderá enfrentar melhor as demandas dos países em desenvolvimento graças a sua decisão de criar uma reserva especial de 3 bilhões de dólares para as perdas sobre créditos de nações endividadas, anunciou ontem o Departamento do Tesouro. Essa opinião, porém, não é a mesma de vários bancos comerciais.

O presidente do diretório do Citicorp, John Reed, anunciou terça-feira a surpreendente decisão de criar uma reserva de 3 bilhões de dólares para enfrentar possíveis perdas sobre seus empréstimos a países endividados.

O Tesouro e porta-vozes dos bancos privados disseram que a decisão do Citicorp foi fomada por conta própria e não significa um precedente para outras instituições tomarem medidas semelhantes. Porém enquanto o Tesouro sustentou que a decisão fortalece o Citicorp nas negociações com os devedores, os bancos comerciais afirmaram que nada disso acontecerá.

Tanto a banca privada quanto o Tesouro indicaram que o Citicorp permanecerá desempenhando um papel-chave no financiamento de nações devedoras com boa vontade para reformar suas economias, como Argentina, Chile e México.

"A decisão do Citicorp não significa que outros bancos adotarão medida semelhante", declarou um porta-voz do Instituto de Finanças Internacionais, que agrupa os principais bancos particulares do mundo. "Não sabemos tampouco por que os executivos do Citicorp tomaram essa decisão", acrescentou o porta-voz.

Mas segundo o Departamento do Tesouro, a criação de uma reserva para possíveis perdas dará ao Citicorp maior flexibilidade para administrar sua carteira de risco soberano (créditos a outros países) e responder às iniciativas de nações devedoras destinadas a enfrentar suas dificuldades de dívida.

Nesse sentido, o Tesouro expressou seu beneplácito frente ao anúncio do Citicorp, que prometeu manter seu apoio ativo a todos os aspectos da estratégia da dívida traçados pelo secretário James Baker, em outubro de 1985, e que estão sendo adotados pelos principais organismos internacionais.

De qualquer forma, um economista do Instituto de Finanças Internacionais garantiu que a decisão do Citicorp aumenta a sua capacidade de negociação frente a países que poderiam ter pressionado o banco a ser mais flexível em sua política creditícia, exatamente para que não tivesse de criar as reservas especiais que afetam seus lucros:

"Não acredito que aumente nem um pouco sua capacidade de negociação. Se os países não querem negociar, os bancos não tem outro remédio além de adotar as medidas exigidas pelos seus próprios estatutos ou pelas normas governamentais".

"Não é uma resposta a um jogo de gato e rato", comentou. Indagado se a decisão do Citicorp muda o panorama das negociações da dívida externa, responteu: "Não, o Citicorp não abandonará sua participação em empréstimos por exemplo à Argentina, que deve receber dinheiro novo". O mesmo deve ocorrer com outros países dispostos a empreender políticas de ajuste, como Chile, México e Filipinas.